

O PSIQUISMO PARA TOMÁS DE AQUINO: UMA VISÃO SOBRE AS RAÍZES DA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA NO PERÍODO MEDIEVAL

Luís Filipe Maia da Rosa*

Resumo: Para que a ciência psicológica chegasse aonde se encontra hoje, muitos esforços tiveram de ser somados ao longo de todos os séculos, por entre todas as sociedades que se desenvolveram no globo terrestre. Desse modo, uma análise sobre os autores clássicos é necessária para que, compreendendo de onde surge tal matéria, possa-se definir onde se deseja chegar com ela. Posto isto, descobrir e entender os conceitos psicológicos trazidos à tona por Tomás de Aquino no século XIII, são pertinentes, já que se trata de um autor localizado temporalmente entre os antigos gregos e os psicólogos modernos, tornando possível identificar a evolução dos conceitos dentro das áreas de estudos, suscitando assim, o exercício de relacionar o que já foi dito pelo que hoje se postula na psicologia, permitindo ser notado o constante exercício evolutivo que as ciências desempenham ao longo da história humana.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Psicologia. Filosofia Medieval.

PSYCHISM FOR THOMAS DE AQUINO: A VIEW ON THE ROOTS OF CONTEMPORARY PSYCHOLOGY IN THE MEDIEVAL PERIOD

Abstract: For psychological science to reach where it is today, many efforts had to be added along all the centuries, among all the societies that developed in the terrestrial globe. Thus, an analysis of classical authors is necessary so that, understanding where this matter comes from, it is possible to define where one wants to go with it. That said, discovering and understanding the psychological concepts brought to light by Thomas Aquinas in the 13th century are relevant, since he is an author located in time between the ancient Greeks and modern psychologists, making it possible to identify the evolution of concepts within the

* Aluno do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Contato: filipe00200@gmail.com

areas of study, thus raising the exercise of relating what has already been said to what is now postulated in psychology, allowing the constant evolutionary exercise that the sciences play throughout human history to be noticed.

Keywords: Thomas Aquinas. Psychology. Medieval Philosophy.

Introdução

“Todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento” (ARISTÓTELES, 2012 p.41) nos disse o Estagirita em sua *Metafísica*, e desse modo, deve-se entender o retorno ao período medieval para descobrir, desde lá, quais eram os entendimentos sobre o psiquismo humano daquele tempo e, em contrapartida, relacionar com os conceitos que hoje são desenvolvidos pela psicologia e pela filosofia.

Algumas dificuldades, no entanto, são certas ao se pretender desvelar um autor que está separado dos contemporâneos por quase 800 anos. Em primeiro lugar se deve olhar para a questão temporal já que, desde o século XIII, o mundo passou por diversas transformações que, em seu período, Tomás de Aquino nem sequer imaginava. Do início da peste negra, ao cisma do Ocidente, da queda de Constantinopla até a expansão europeia pelos oceanos e o encontro das Américas, as grandes revoluções, o primeiro avião, as guerras mundiais, a bomba atômica, a corrida espacial, a criação e o desenvolvimento dos computadores e da internet, as crises migratórias e até mesmo a pandemia da COVID-19. Entre diversos outros fatos que se tornam impossíveis de descrever, já que ao longo destes oito séculos a humanidade foi transformada de maneira sem nenhum precedente no milênio anterior.

Além da distância cronológica, a linguagem própria de Tomás de Aquino é um tanto quanto diferente da que hoje se vê nos filósofos já que, por ser um

monge dominicano medieval, prezava pela praticidade da escrita, diferente da dos últimos séculos, sem muitos floreios, o Aquinate apresentava conceitos de maneira direta, dificultando assim o entendimento dos modernos por estarem acostumados a falações que servem muito bem como introdução aos conceitos, ele se dirigia sempre ao cerne das questões levantadas. Dessa forma, seus escritos tinham objetivos claros de responder a questionamentos feitos por oponentes nas *disputatios* - termo latino que se refere aos antigos embates universitários durante o medievo (ABBAGNANO 2012, p.341).

Desafios imensos ainda poderiam ser erigidos, e diversas outras dificuldades inerentes ao texto, porém isto não pode servir como desculpa para não se analisar tal autor, já que sua importância é marcada por grandes historiadores da filosofia como Giovanni Reale e Bertrand Russell em suas respectivas obras. Fora isso, os preconceitos devem ser postos de lado. Ele é um autor medieval e religioso, porém isto não retira ou anula suas contribuições à filosofia, à psicologia e às ciências em geral. Tomás não deve ser interpretado como uma mera peça arqueológica do pensamento humano, mas sim como uma verdadeira raiz da qual mesmo sem aparecer para os contemporâneos continua nutrindo com o mesmo vigor as novas formas de construir conhecimento.

A metodologia aqui utilizada foi a de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, que primeiro buscou justificar a pesquisa sobre Tomás de Aquino e posteriormente apresentar alguns de seus conceitos, tendo por base uma análise associativa dos textos, permitindo o diálogo entre conceitos e autores.

1 Por que Tomás de Aquino?

Desde muito antes do desenvolvimento das teorias psicológicas modernas os seres humanos já se perguntavam sobre a sua constituição psíquica, como se formavam e interagiam os sentimentos, as emoções, o conhecimento, enfim, as operações mentais de modo geral. Sob este aspecto, diversos pensadores já se puseram a ensinar, desde o período de Sócrates até os dias de hoje nas Ágoras modernas instaladas na palma da mão dos que têm acesso à Internet, tais questionamentos são levantados e debatidos tão calorosamente quanto há 26 séculos atrás.

Tendo em vista tal conjuntura, pode surgir a questão de por que tratar da visão sobre o psiquismo segundo Tomás de Aquino e não a de qualquer outro autor? E neste mesmo sentido, deve surgir a resposta de que o Aquinate, “do antigo preciosamente conservado, fez jorrar algo novo. Esse ‘confluente de todas as correntes’ é na realidade um novo rio” (NICOLAS, 2016, p.39) e que dessa maneira, não pode ser interpretado somente como um condensador das ideias dos antigos, mas como um pensador, por si só, eloquente e merecedor de crédito.

Nas palavras de Copleston, Tomás apresenta aos interessados uma “confiança na razão humana [que] o habilita a ingressar em um diálogo inteligente com outras filosofias” (COPLESTON, 2020 p.233), mostrando não somente seus pontos de acerto, mas também as trilhas difíceis na qual seu pensamento se enveredou:

ao passo que sua consciência das limitações inevitáveis da inteligência humana o deixa a salvo daquelas extravagâncias especulativas que inclinam os comentadores a demorar-se mais na psicologia de seus autores do que no que eles disseram. Em sua teoria sobre o homem, o tomismo tenta evitar o materialismo, por um lado, e um dualismo total, por outro; e em sua teoria política, ele traça seu caminho por entre a Cila do totalitarismo e a Caríbdis do individualismo atomista. Seu humanismo é um humanismo equilibrado: o corpo não é declarado sem valor ou vergonhoso, e as ciências e artes não são rejeitadas em nome da religião. Ao mesmo tempo, o homem não é declarado, com Protágoras, a medida de todas as coisas (COPLESTON, 2020 p.233).

Além disso, Tomás se localiza em um período interessante do desenvolvimento dos conhecimentos humanos. Ele se insere, dentro do plano temporal, no ponto médio. Entre os antigos gregos e os pensadores modernos, possibilitando que suas contribuições ao desenvolvimento filosófico, quando apresentadas, mostrem a evolução das ciências de um modo geral.

De qualquer forma, Tomás de Aquino adaptou o pensamento aristotélico a sua maneira, por mais que considere o pensador grego como sendo O Filósofo¹, quando a esse se refere, enxergando nele discordâncias com o seu pensamento próprio, se viu obrigado não só a contrariar, mas também a desenvolver teorias próprias, como é o exemplo da interpretação do que se trataria a própria essência humana. O Aquinate em sentido oposto a Aristóteles vai dizer que o ser real é o próprio ato de existir como *ente*, dizendo que o ser se define por sua existência, não como em um “Penso logo existo” (DESCARTES, 1973 p.66) cartesiano, mas como Existo, logo penso, tomista. Com tal acepção

¹Tomás de Aquino conheceu os textos de Aristóteles apenas em sua idade adulta, devido ao fato de estes terem sido perdidos por diversos séculos para o Ocidente. Esta retomada foi polêmica na época e não causou somente uma mudança da bibliografia básica dos estudos filosóficos, muito mais que isso, causou uma mudança na forma de como se fazer filosofia, tanto que, quando foram postas em circulação, tais ideias sofreram diversas reprimendas, como se verá mais adiante no texto.

Tomás se distancia do aristotelismo puro e simples, pois para o Estagirita, ser é ser algo, de modo que antes de existir o próprio ser já é algo por si só (NICOLAS, 2016).

É interessante notar este ponto na obra de Tomás, pois mesmo sendo considerado um intelectualista em sua época, não enxertou em sua teoria as formas de espiritualismo medieval, no qual a existência humana se daria *a priori* de um corpo. Sim, por Aquino ser um cristão, a existência se mantém até mesmo sem a necessidade de um corpo, como ele apresenta nas últimas reflexões das *Questões*. Tudo isto só se torna possível quando por intelectualismo se entende o que no medievo se queria dizer. Dizer que Tomás de Aquino era um intelectualista, não é dizer que este era cego para aspectos da vida humana que não fossem os que envolvem as abstrações, pelo contrário, o dominicano é considerado intelectualista quando se observa o contexto no qual os teóricos se dividiam para defender qual era a faculdade humana mais nobre. Tomás se vinculava aos que viam no conhecimento racional a mais bela atividade humana, pois por meio desta, seria possível uma antecipação da visão de Deus (COPLESTON, 2020).

Levando isto em conta, Tomás deve ser estudado minuciosamente, bem mais que o espaço destinado neste texto, pois ele saltava da vida comum até os mais altos graus de abstração, como somente um verdadeiro filósofo sabe fazer. Ele trazia consigo a tradição patrística aprendida especialmente de Agostinho e convivia com os doutos desde a juventude, como Alberto Magno, porém mesmo estando cercado intelectualmente, destes grandes, foi capaz de erigir uma montanha de conhecimentos mais alta ainda do que a de seus predecessores. Aquino foi mais longe, mais alto. Se os medievais buscavam com a ajuda de Platão o “mundo das ideias”, Tomás com Aristóteles foi atrás da metafísica. Se os modernos surgiram com construções sobre a vida psicológica dos humanos,

Aquino buscou das profundezas até as mais altas virtudes, e descreveu com a precisão que somente ele possuía, os mistérios que somente séculos depois de sua morte seriam confirmadas pelas novas ciências.

2 Aquino de ontem para o hoje: descobrir e entender para relacionar

Tomás de Aquino em seus principais escritos sempre propunha perguntas e argumentos para a afirmação contrária da que ele julgava correta e posteriormente refutava uma após a outra mostrando o seu entendimento sobre tais questões. Desse modo, ele sempre dispôs de maneira crescente seus pensamentos, como é de praxe nos filósofos medievais e antigos, partindo do ponto mais básico, evoluindo até as questões mais abstratas e metafísicas.

Aquino, na primeira *quaestio* que se põe a debater nas “*Questões disputadas sobre a Alma*”, decide investigar onde se encontra a psique humana, se ela pode estar em algo concreto (AQUINO, 2012), como ele pergunta. Inicialmente, após apresentar pontos que afirmavam que não se poderia encontrar a mente dentro de alguma realidade física, Tomás de Aquino apresenta sua perspectiva e inicia dizendo que “é necessário que a alma se una como forma ao corpo, e que seja algo concreto” (AQUINO, 2012 p.41) demonstrando assim que seu pensamento não estava vinculado a teorias meramente espiritualistas ou platônicas/idealistas como os antigos. Tomás apresenta um sistema empírico e racional, dizendo que a alma (ou psique) entende, ou seja, aprende por meio de *phantasmas*, imagens cognoscíveis (ARISTÓTELES, 2011 p.123) e que estes não podem existir se não pela experiência sensorial que os corpos permitem.

Ademais, a perfeição última da alma humana consiste no conhecimento da verdade, o qual se dá por meio do intelecto. Mas, para que a alma chegue ao conhecimento da verdade, precisa unir-se ao corpo; porque a alma entende mediante fantasmas, que não existem sem o corpo. Logo, é necessário que a alma se forme ao corpo, e que seja algo concreto (AQUINO, 2012 p.40-41).

Tomás de Aquino neste ponto revela uma grande mudança na perspectiva antropológica de sua época, pois aqui ele separa suas ideias das de seus contemporâneos. Aquino vai pela via aristotélica, com as devidas ressalvas, é claro, enquanto os outros medievais andavam visando Platão. Engana-se quem crê que tal posicionamento não foi visto com maus olhos em sua época, tanto que Frederick Copleston, outro historiador da Filosofia, mostra que Tomás, teólogo e filósofo, hoje respeitado na Igreja Católica, teve algumas de suas teorias consideradas inovações perigosas por muitos de seus contemporâneos. Em 1277, três anos após a morte de Tomás de Aquino, várias propostas foram condenadas pelo Bispo de Paris; e embora a condenação incidisse principalmente sobre "averroístas", algumas ideias de Tomás de Aquino foram levadas em consideração (COPLESTON, 2017).

Desse modo, ele também não entra em um reducionismo ao apresentar tais conceitos, pois ao final da mesma questão diz que a psique humana está na fronteira entre os "entes corpóreos e as substâncias separadas" (AQUINO, 2012 p.47), se referindo assim que a mente humana não se faz somente como um produto orgânico do cérebro, mas que também está vinculada a uma dimensão estruturante avessa ao constructo empírico tal qual até mesmo as teorias modernas aceitam tais suposições (FREUD, [1915] 2010). Quando se observa mais atentamente a questão sobre onde se encontraria o aparato psicológico, pode-se ver, como Freud desenvolve tais problemáticas. Mesmo sendo ele um médico neurologista, interessado em investigar, até os anos de 1895, o cérebro e

sua estrutura de forma laboratorial, em 1900, com sua obra *"Interpretação dos Sonhos"* ele se põe a construir um aparato não mais físico, mas sim, anímico, como diz ele, utilizando tal termo como um sinônimo. Freud ([1900] 2018) apresenta um desenho que representa o aparelho psíquico, e a pergunta volta, "onde está?", tal resposta aprecia a visão tomista do assunto, pois Freud, assim como Aquino, vai localizar o psiquismo nas ideias, de forma que Garcia-Roza, quando vai comentar sobre tal texto, sugere que assim como "num aparelho ótico, as imagens se formam entre as lentes que compõe o aparelho e não sobre seus componentes físicos" (GARCIA-ROZA 2002 p.157).

Outro ponto interessantíssimo que traz o filósofo medieval é a questão de número oito, na qual ele afirma que a mente humana vem ao mundo como uma tabula rasa, ou seja, como uma folha em branco na qual nada está escrito (AQUINO, 2012). Com esta afirmação Tomás de Aquino quer apresentar a necessidade dos sentidos corpóreos para que a mente (ou alma) possa inteligir. A mente humana é uma potência para os objetos a serem conhecidos, de modo a fugir do platonismo que definia que já se entra neste mundo com conhecimentos, e só é necessário aprender o já conhecido por meio de abstrações racionais (PLATÃO, 2017). Deste modo, Aquino, pode ser visto como um precursor até mesmo do *behaviorismo* de John B. Watson, por entender que as pessoas vêm ao mundo sem nenhum conteúdo previamente escrito em suas mentes, prontas para terem informações gravadas em seu psiquismo, de maneira muito parecida, Watson dizia "Dê-me uma dúzia de crianças saudáveis [...] e eu irei treiná-las para se transformarem em qualquer tipo de especialista que eu selecione - advogado, médico, artista, comerciante-chefe." (WATSON, J., 1930, p. 104 apud. STRAPASSON, 2008)

Deve-se dizer que, como a matéria existe para a forma e não o contrário, é necessário tomar da alma a medida do corpo ao qual ela se une. Por isso afirma-se, no livro II Sobre a Alma, que esta é não apenas forma e motor do corpo, mas também sua finalidade. É evidente, portanto, pelas questões já acima disputadas, que é natural à alma humana o unir-se a um corpo, uma vez que, sendo ínfima na ordem das substâncias intelectuais - assim como a matéria prima ínfima na ordem das coisas sensíveis -, a alma não possui espécies inteligíveis naturalmente impressas (tal como se dá nas substâncias intelectuais superiores), pelas quais possa levar-se à sua operação própria, que é o inteligir. A alma humana antes está em potência para as espécies inteligíveis, pois é como uma tabula rasa na qual nada foi escrito, conforme está dito no livro III Sobre a Alma (AQUINO, 2012 p. 171).

O Aquinate, ainda na oitava questão, traz à tona uma interessantíssima teoria fisiológica. Diz ele que o próprio corpo humano está disposto de maneira que lhe é facilitado o conhecer das coisas. É necessário, conforme Tomás, “uma boa disposição do cérebro” (AQUINO, 2012 p.173) para que as pessoas possam exercer suas potencialidades sensitivas, como ele nos diz, ou seja, para que possam desenvolver sua imaginação, memória, etc. Tomás de Aquino a cada questão vai se desvelando ante os olhos contemporâneos como uma grande referência, longe de argumentar somente com ditos religiosos, ele vai de modo racional, buscando responder seus questionamentos de forma filosófica, sem envolver em suas questões, nenhuma teologia (OLIVEIRA, 2009).

Quando se percebe a interseção entre as ciências medievais e modernas, os contemporâneos devem notar o quão atuais estes debates continuam sendo. Mesmo com a distância temporal entre Tomás de Aquino e os autores citados acima, percebe-se que estas questões não caducam ao longo dos séculos e nem tornam-se questionamentos passados, pelo contrário, já que se tratam de perguntas humanas que desde os primórdios da filosofia, como mostra

Aristóteles (2011), inquietam aqueles que querem ver o mundo além das aparências (*doxa*, como diziam os gregos).

Neste mesmo sentido, Tomás avança, juntamente com Aristóteles, quando dá à linguagem o estatuto de “sinal das paixões da alma” (AQUINO, 2018, p.48). De modo que, nos dizeres do Estagirita, paixões da alma, *passiones animae*, querem dizer as emoções, sensações, como “medo, compaixão, coragem, também a alegria e tanto o amor quanto o ódio” (ARISTÓTELES, 2011, p.44). Dessa forma, quando o dominicano, vai comentar o texto de Aristóteles, *Sobre a Interpretação*, ele afirma que expor, por meio de palavras ditas essas paixões da alma, são de fato o que tornam os humanos diferentes dos animais, dotados somente de sensações. Pois os homens não operam somente com os conhecimentos sensitivos, de modo que, grunhidos e rangeres, como os que os animais fazem para comunicar-se, não seriam suficientes para expor as realidades abstraídas do aqui e agora, pois devido a esta capacidade de pensar, inteligir, os humanos são “solícitos não só com as coisas presentes segundo o lugar e o tempo, mas também com estas coisas que distam segundo o lugar e são futuras segundo o tempo” (AQUINO, 2018, p.49). Além destas questões, Tomás, reconhece a importância dos laços sociais que derivam das possibilidades comunicativas dos seres humanos, já que seguindo os passos do Estagirita, considera “o homem um animal naturalmente político e social” (AQUINO, 2018, p.49).

Dessa forma, é notável a relação entre estas indicações que o Aquinate fez, e as de Ferdinand de Saussure no seu *Curso de Linguística Geral*. Saussure nesta obra abre os olhos dos seus alunos, que providencialmente anotaram suas lições, para a realidade da qual há séculos já haviam sido assinalada, a de que os elementos formadores das linguagens, são mais que meros efeitos físicos dos movimentos linguais. Os sons emitidos por línguas estranhas ao ouvinte são

desprovidos de sentido para ele, não por serem meros barulhos, mas por este não estar inserido dentro dos fatos sociais que moldaram as formas de comunicar as emoções ou sensações (paixões da alma) que tais sons querem significar (SAUSSURE, 2012). Seguindo neste mesmo sentido, a ideia de significar algo, para Saussure, bebe ao menos indiretamente, das fontes tomistas e aristotélicas, pois quando ele vai explicar como se dá a formação de um signo linguístico, apresenta que a formação deste é a soma de um conceito e de uma imagem acústica, (SAUSSURE 2012), de modo a criar uma similaridade com as ideias expressadas por Tomás pois, nos termos do linguista, tal imagem, está ligada diretamente a uma representação mental, anímica, fazendo com que quando Aquino escreve que “as coisas que estão na voz são notas - isto é, sinais - das paixões que estão na alma” (AQUINO, 2018, p.50), tais ideias possam ser ligadas, entendendo que as imagens acústicas, vêm desta mesma representação anunciada no século XIII.

Dessa forma, o exercício de relacionar com autores da psicologia moderna os termos tomistas, obriga a seguir de Saussure até Lacan, e neste encontrar não somente apontamentos teóricos, mas também práticos das aplicações da psicanálise enquanto método clínico de escuta. Jacques Lacan, em uma apresentação oral a um grupo de estudantes de Letras, explicando sobre a forma de entender o inconsciente descrito por Freud, vai dizer que as letras, ou seja, as palavras, as vozes, a linguagem, devem ser entendidas “ao pé da letra” (LACAN 1998, p.498), apresentando a realidade de que para se alcançar no âmago dos sujeitos é necessário ouvir bem mais do que se quer, mas aquilo do que o falante quer dizer, esvaziando-se do lugar daquele que sabe, dando espaço para ouvir aquelas *passiones animae* por muito reprimidas.

Desse modo, se torna claro ante os desafios modernos o quanto a filosofia ainda tem a contribuir para o debate científico atual. Tomás de Aquino é

um autor que se distancia da contemporaneidade em diversas áreas, porém a ânsia por conhecer, por determinar conceitos e encontrar respostas, que o inquietaram, ainda hoje tiram a comodidade daqueles que se debruçam sobre estes assuntos. Mais do que somente buscar nas fontes antigas respostas para as indagações contemporâneas, em Aquino é possível uma nova descoberta a cada leitura, pois a imensidão da obra deste autor, não somente em linhas, torna a compreensão de suas ideias cada vez mais próximas aos entendimentos mais atualizados das ciências, provando assim que as mentes aguçadas, mesmo que dispersas pelas ordens cronológicas da História, podem conversar, ao menos nas estantes dos interessados.

Considerações finais

Aquino, nas palavras de Frederick Copleston, mesmo distanciado dos modernos, seria um grande conhecedor e admirador das novas formas de fazer ciência, pois foi ele mesmo, já no século XIII, quem pensava em um mundo com pressupostos comuns aos cientistas. A realidade muda, as formas são inteligíveis e tudo ao redor está em desenvolvimento constante, de modo que o mundo apresentado pelo metafísico medieval, não se distancia tanto do que os astrofísicos contemporâneos contemplam (COPLESTON, 2020. p.88).

Tomás, em sua *Suma contra os Gentios*, livro inteiramente dedicado ao embate contra as ideias opostas às suas, inicia dizendo que o “estudo da filosofia é o mais perfeito, o mais sublime, o mais útil e o mais alegre” (AQUINO, 2017. p.48) de todos os estudos que o ser humano pode se dedicar, de modo a expressar seu apreço ao raciocínio logicamente ordenado pela própria natureza humana, diferentemente de Agostinho de Hipona, o Aquinate afirma que o conhecimento está teleologicamente orientado para o bem e que mesmo sem a

fé cristã, como de praxe aos medievais, é possível atingir conceitos epistêmicos (OLIVEIRA, 2009). Como mostrado anteriormente, Tomás em várias passagens de sua obra expandiu os conceitos e interpretações ortodoxas de sua época, tornando fecundo seu ensinamento até os dias atuais. Tal qual ele é conhecido, o doutor comum, tornou a estudar sobre as verdades metafísicas sem necessariamente o auxílio da fé, tanto que em seus textos mais clássicos, ele já não põe o pensamento racional somente como um resultado da crença, mas inverte a equação e coloca a fé como um dos possíveis resultados da busca racional pelos conceitos abstratos do “primeiro princípio” (AQUINO, 2017 p.49).

De modo a concluir esta pesquisa, cumpre dizer que a psicologia recebeu sua autonomia a menos de 200 anos com a abertura do laboratório em Leipzig por Wilhelm Wundt em 1879, pois até esta data falar em psicologia era se referir ao estudo filosófico da mente e até mesmo a epistemologia. Assim sendo, cindir a psicologia moderna e a filosofia em opostos e tentar deixá-las como que antônimas não faz sentido já que historicamente uma bebeu da fonte da outra, por mais irracionalista que seja a escola psicológica, como a psicanálise, ou cientificista, como o *behaviorismo*, ambas podem ser encontradas nas fontes filosóficas ao longo da história, e como foi o intento deste artigo, podem também ser encontradas dentro do escopo erigido por Tomás de Aquino. Dessa forma, ao se apresentar conceitos tirados desde o medievo, percebe-se que ao relacionar tais formas de pensamento às que hoje se desenvolvem, as ciências seguem a lei de conservação de Lavoisier, na qual nada se criaria, porém, tudo se transformaria conforme a passagem do tempo.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, Tradução Alfredo Bosi 6ª ed. São Paulo, Editora WMF Martins e Fontes, 2012.

AQUINO, Tomás. **Comentário ao Sobre a Interpretação de Aristóteles**, Tradução Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas, SP. Vide Editorial, 2018.

AQUINO, Tomás. **Questões Disputadas sobre a Alma**, Tradução Luiz Astorga. São Paulo. É Realizações, 2012.

AQUINO, Tomás. **Suma contra os Gentios**, Tradução D. Odilão Moura OSB. Campinas, SP. Ecclesiae, 2017.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica volume 1: parte 1: questões 1-43**, Tradução Renato da Rocha. São Paulo. Edições Loyola, 2016.

ARISTÓTELES. **Da Alma**, Tradução e notas Edson Bini. São Paulo. Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Metafísica**, Tradução e notas Edson Bini 2ª ed. São Paulo. Edipro, 2012.

COPLESTON, Frederick. **Filosofia Medieval: uma introdução**, Tradução Wilson F.R.A Curitiba, PR. Editora Danúbio, 2017.

COPLESTON, Frederick. **Tomás de Aquino: Introdução à vida e obra do grande pensador medieval**, Tradução Fábio Florence Campinas, SP. Ecclesiae, 2020.

DESCARTES, René **Obras escolhidas**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1973.

FREUD, Sigmund. **Interpretação dos Sonhos (1900)**, Tradução Renato Zwick. Porto Alegre, RS. L&PM, 2018.

FREUD, Sigmund. **O Inconsciente (1915)**, Tradução Paulo Cezar de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. (1957) **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NICOLAS, Marie-Joseph. **Introdução à Suma Teológica In: Suma Teológica volume 1: parte 1: questões 1-43**, Revisão Renato da Rocha. São Paulo. Edições Loyola, 2016.

OLIVEIRA, Claudio Ivan. **A psicologia de Tomás de Aquino: a vontade teleologicamente orientada pelo intelecto (2009)**. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a17/oliveira01.pdf> . Acesso em: 22 maio 2021.

PLATÃO, **Diálogos I - Teeteto (ou Do Conhecimento)**, Tradução Edson Bini. São Paulo Edipro, 2017.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia : Patristica e Escolastica**, Tradução Ivo Storniolo. São Paulo. Paulus, 2003.

RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental - Livro 2: A filosofia católica**, Tradução Hugo Langone. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo. Cultrix, 2012.

STRAPASSON, Bruno Angelo **John B. Watson, o cuidado psicológico do infante e da criança: possíveis consequências para o movimento behaviorista (2008)**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200023>. Acesso em: 27 maio 2021.